

A MULHER DE EINSTEIN

A outra mente brilhante por detrás
da Teoria da Relatividade



«Um retrato histórico
magnífico.»

Publishers Weekly

TOP
SEL
LER

MARIE BENEDICT

Para Jim, Jack e Ben.

PRÓLOGO

4 de agosto de 1948

*Huttenstrasse, n.º 62
Zurique, Suíça*

O fim está próximo, agora. Sinto-o a acercar-se como uma sombra sedutora e negra, que há de extinguir os meus últimos vestígios de luz. Mas ainda me sobram uns minutos para olhar para trás.

Como é que me transviei no caminho? Como é que fui perder a Lieserl?

Parece que a escuridão tem pressa. Como uma arqueóloga metódica, nos poucos instantes que me restam, desenterro o passado em busca de respostas. Espero vir a compreender, conforme propus há anos, se o tempo é verdadeiramente relativo.

Mileva «Mitza» Marić Einstein

PRIMEIRA PARTE

Todo o corpo permanece no seu estado de repouso ou de movimento retilíneo uniforme, a menos que seja compelido a mudar por uma força externa.

SIR ISAAC NEWTON

CAPÍTULO 1

Manhã

20 de outubro de 1896

Zurique, Suíça

Alisei a minha camisa branca acabada de engomar, ajustei o laço à volta do colarinho e entalei um fio de cabelo solto no coque bem apertado. A caminhada pelas ruas húmidas do nevoeiro até ao *campus* do Politécnico Federal de Zurique estava a fazer mossa na minha aparência impecável. A teimosa recusa do meu cabelo escuro e crespo em permanecer no lugar exasperava-me. Queria que todos os detalhes do dia fossem perfeitos.

Endireitando os ombros e tentando, pela mera força de vontade, fazer-me um pouco mais alta do que a minha constituição deploravelmente baixa, pus a mão no pesado puxador de bronze da sala de aula. Adornada com um padrão de meandros gregos desgastado pelo uso de sucessivas gerações de estudantes, a maçaneta agigantava-se na minha pequena mão quase infantil. Hesitei. *Roda a maçaneta e empurra a porta, tentei persuadir-me. Tu és capaz. Não há nada de novo em transpor mais este limiar. Ultrapassaste o fosso alegadamente intransponível entre homens e mulheres inúmeras vezes, em todas as salas de aula. E sempre com o maior dos êxitos.*

Ainda assim, vacilei. Sabia demasiado bem que, se o primeiro passo é o mais exigente, o segundo não é muito mais simples. Naquele instante, como pouco mais do que um fôlego, quase conseguia ouvir o meu pai a instigar-me: «Sê corajosa», dizia ele em sérvio, a nossa língua materna, tão pouco usada. «És uma *mudra glava*. Uma mulher sábia. Corre-te nas veias o sangue de salteadores e contrabandistas,

dos nossos antepassados escravos que usavam todos os meios para arrebataram o seu quinhão. Vai arrebataram o teu quinhão, Mitza. Vai arrebataram o teu quinhão.» Eu seria incapaz de o desapontar. Rodei a maçaneta e escancarei a porta. Seis rostos fitaram-me de imediato: cinco estudantes de fato preto e um professor de toga negra. Notava-se-lhes o espanto e algum desdém nos rostos muito pálidos. Nada — nem sequer os rumores — preparara aqueles homens para verem, realmente, uma mulher entre eles. Pareciam quase ridículos, de olhos esbugalhados e queixo caído, mas eu tinha a noção de que não me devia rir. Esforcei-me por não fazer caso deles, por ignorar as expressões de imbecis dos meus colegas, que tentavam, desesperadamente, aparentar mais do que os seus 18 anos com os bigodes severamente encerados.

Fora a determinação de dominar a física e a matemática que me levava ao Politécnico, e não o desejo de fazer amigos ou de agradar a quem quer que fosse. Lembrei-me deste simples facto enquanto me preparava para enfrentar o meu novo professor.

Eu e o professor Heinrich Martin Weber fitámo-nos mutuamente. Com o seu nariz adunco, as sobrancelhas espessas e a barba impecável, a aparência intimidatória do célebre professor de física era consistente com a sua reputação.

Esperei que fosse ele a falar. Qualquer outra atitude seria entendida como a mais pura impertinência. Não me podia dar ao luxo de ter mais essa nódoa apontada ao meu carácter, já que a minha simples presença no Politécnico era considerada uma afronta por muitos. Eu precisava de trilhar uma linha ténue entre a minha insistência em seguir este caminho inexplorado e a submissão que, ainda assim, me era exigida.

— E a menina é...? — perguntou ele, como se não me esperasse, como se nunca sequer tivesse ouvido falar de mim.

— Mileva Marić, senhor. — Rezei para que a voz não me tremesse.

O professor Weber consultou a lista de alunos, com uma lentidão extrema. É claro que ele sabia perfeitamente quem eu era. Uma vez que era o diretor do Departamento de Física e Matemática, e que apenas quatro mulheres haviam sido admitidas antes de mim, tive de me submeter diretamente à aprovação dele para ingressar

no primeiro ano do curso de quatro, conhecido como Secção Seis. Ele tinha aprovado pessoalmente a minha admissão! A consulta da lista de alunos era um gesto calculado e flagrante, destinado a transmitir à turma a opinião que tinha de mim. Dava-lhes a devida permissão para me destratarem.

— A menina Marić da Sérvia, ou de um desses países austro-húngaros quaisquer? — inquiriu, sem erguer os olhos, como se pudesse haver alguma outra menina Marić na Secção Seis que viesse de um local mais respeitável.

Com aquela pergunta, o professor Weber tornava absolutamente evidente a sua opinião sobre os povos eslavos da Europa de Leste: que nós, enquanto estrangeiros de tez mais escura, éramos, de algum modo, inferiores aos povos germânicos da Suíça, orgulhosamente neutral. Era mais um preconceito que eu teria de refutar se quisesse vir a ter alguma hipótese de sucesso. Como se ser a única mulher na Secção Seis naquele momento — e apenas a quinta a *jamaiz* ter sido admitida no curso de física e matemática — não bastasse.

— Sim, senhor.

— Pode sentar-se — acabou ele por dizer, finalmente, apontando para a única cadeira vaga. Para minha sorte, o lugar que restava era o mais longe do estrado. — Já tínhamos começado a preleção.

Começado? A aula só devia ter início dali a 15 minutos. Teriam avisado os meus colegas, mas não a mim? Teriam conspirado para se encontrarem antes? Queria questioná-lo, mas não o fiz. A discussão só atiçaria fúria contra mim. De qualquer forma, pouco importava. Chegaria simplesmente um quarto de hora mais cedo no dia seguinte. E cada vez mais cedo, todas as manhãs, se necessário. Não ia perder nem mais uma palavra das preleções do professor Weber. Ele estava muito enganado se pensava que me podia dissuadir assim. Afinal, eu era filha do meu pai.

Com uma pequena vénia ao professor, fitei a distância da porta até à minha cadeira e, como era meu hábito, calculei o número de passos que seriam necessários para atravessar a sala. Haveria melhor forma de enfrentar a distância? Tentei, ao primeiro passo, caminhar

direita, para dissimular o meu coxear, mas o meu pé a arrastar-se ressoava na sala. Então, resolvi, por impulso, não disfarçar de todo. Optei por mostrar claramente aos meus colegas a deficiência que me marcava desde a nascença.

Manquejar e arrastar o pé. Uma e outra vez. No total, 18, até chegar à minha cadeira. *Aqui estou, meus senhores*, parecia que estava a dizer-lhes a cada sacção da minha perna estropiada. *Podem olhar à vontade; despachem-se com isso de uma vez.*

Transpirada do esforço, apercebi-me de que a sala se tinha quedado num silêncio absoluto. Aguardavam que eu me instalasse e, talvez desconfortáveis com a minha deficiência, ou com o facto de eu ser mulher, ou com ambos, desviavam o olhar.

Todos menos um.

À minha direita, um jovem rapaz com uns grandes caracóis desgrenhados castanho-escuros fitava-me, embasbacado. Ao contrário do que era meu hábito, sustive-lhe o olhar. Porém, mesmo quando o enfrentei de cabeça erguida, desafiando-o a troçar abertamente de mim e dos meus esforços, ele não desviou os olhos, que brilhavam por trás das pálpebras semicerradas. Em vez disso, surgiram-lhe umas pequeninas rugas nos cantos, enquanto sorria por entre a sombra lançada pelo bigode. Um sorriso de grande contentamento, talvez mesmo de admiração.

Quem pensava ele que era? O que significaria aquele seu olhar?

Não tinha tempo para retirar dali algum sentido, enquanto ocupava o meu lugar. Abri a mala, tirei papel, tinta e uma caneta de aparo, e preparei-me para a aula do professor Weber. Não ia permitir que o atrevimento de um daqueles colegas privilegiados me perturbasse. Assestei os olhos no professor, ainda consciente de estar a ser observada, mas fiz-me despercebida.

O professor Weber, no entanto, não era tão resoluto. Ou tão indulgente. Olhou para o jovem, pigarreou e, como o aluno não virou os olhos novamente para o estrado, acabou por dizer:

— Gostaria de ter a atenção da turma inteira, por obséquio. Este é o primeiro e último aviso, Sr. Einstein.

CAPÍTULO 2

Tarde

20 de outubro de 1896

Zurique, Suíça

Ao entrar no vestíbulo da Pensão Engelbrecht, fechei a porta devagar atrás de mim e entreguei o guarda-chuva molhado à empregada. Os risos ecoavam pelo corredor, vindos da sala de estar dos fundos. Eu sabia que as outras raparigas estavam ali à minha espera, mas não me sentia ainda capaz de enfrentar o interrogatório, por muito bem-intencionado que fosse. Precisava de algum tempo sozinha para refletir acerca do meu dia, mesmo que fossem apenas alguns minutos. Comecei a subir as escadas para o meu quarto, com o cuidado de não fazer barulho.

Ouviu-se um rangido. Maldito degrau solto!

Com as saias cinzento-carvão a esvoaçarem atrás de si, a Helene surgiu da sala, de chávena de chá fumegante na mão.

— Estávamos à tua espera, Mileva! Tinhas-te esquecido?

A Helene agarrou-me pela mão com a que tinha livre e puxou-me atrás de si até à sala de estar dos fundos, a que agora nos referíamos, entre nós, como o salão de jogos. Achávamos termos o direito de lhe dar um nome, já que mais ninguém a usava.

Ri-me. Como é que eu teria sobrevivido àqueles últimos meses em Zurique sem elas? A Milana, a Ružica e, principalmente, a Helene, uma espécie de alma gémea com a sua inteligência aguçada, maneiras doces e polidas e, por incrível que pudesse parecer, quase identicamente coxa. Porque é que não as deixei entrar de imediato na minha vida?

Há vários meses, quando eu e o meu pai chegámos a Zurique, não poderia ter imaginado tais amizades. A juventude marcada pela fricção com os colegas — que me ignoravam, na melhor das hipóteses, ou maltratavam, na pior — sugeria que eu estava destinada a uma vida de solidão e de estudo isolado. Ou pelo menos foi o que sempre pensei.

Ao descer do comboio, após uma cansativa viagem de dois dias desde a nossa casa em Zagreb, na Croácia, eu e o meu pai estávamos ambos trôpegos e assarapantados. O fumo espesso do carvão do comboio enchia a estação central de Zurique, e tive de apurar a vista para distinguir os degraus até à plataforma. Com uma maleta em cada mão, uma delas pesada dos meus livros prediletos, vacilei um pouco ao atravessar a estação apinhada, seguida pelo meu pai e por um carregador, que levava as bagagens maiores. O meu pai estugou o passo até junto de mim, para me aliviar de uma das malas.

— Eu consigo, papá — resisti, enxotando-lhe a mão. — Tem as suas próprias malas para carregar, e apenas dois braços.

— Mitza, deixa-me ajudar-te, por favor. Tenho mais facilidade do que tu em acartar outra mala. — Deu uma gargalhada. — Já para não referir que a tua mãe ficaria horrorizada se eu te deixasse andar por aí a arrastares-te com esse peso pela estação de comboios de Zurique.

Pousei a mala, tentando desprender a minha mão da dele.

— Papá, tenho de conseguir fazer isto por mim própria. Ao fim e ao cabo, depois vou ficar aqui a viver sozinha em Zurique.

Ele olhou para mim demoradamente, como se tivesse acabado de se dar conta de que eu ficaria a morar em Zurique sem ele; como se não tivéssemos trabalhado para aquele mesmo objetivo desde que eu era pequena. Relutantemente, um dedo de cada vez, ele soltou-me a mão. Aquilo era difícil para o meu pai; eu compreendia-o. Embora, por um lado, ele apreciasse a minha demanda por uma educação superior, e a minha subida a pulso lhe recordasse a sua própria ascensão de camponês a burocrata e proprietário de sucesso, às vezes perguntava-me se não sentiria alguma culpa e até um conflito

interior por me ter impellido neste meu caminho incerto. Tinha-se concentrado durante tanto tempo no prêmio final da minha educação universitária que provavelmente nem lhe ocorrera a etapa intermédia de me dizer adeus e abandonar-me naquele país estrangeiro.

Sáimos da estação para darmos connosco no bulício do fim de tarde das ruas de Zurique. A noite já começara a cair, mas a cidade não estava às escuras. Troquei um olhar com o meu pai e sorrimos um para o outro de assombro; só conhecíamos cidades iluminadas pelo brilho fraco dos candeeiros a óleo. As ruas de Zurique estavam repletas de luzes elétricas, inesperadamente cintilantes. Sob o seu clarão, eu conseguia distinguir os mais pequenos pormenores dos vestidos das senhoras que passavam por nós; as saias de quadris destacados e drapejados eram mais elaboradas do que o estilo contido que eu conhecia de Zagreb.

Os cavalos de um fiacre de aluguer trotaram nas pedras da calçada da Bahnhofstrasse, a rua da estação em que nos encontrávamos, e o meu pai fez-lhe sinal. O condutor desmontou e, enquanto carregava as nossas malas na parte de trás da carruagem, eu embrulhei-me no xaile de rosas bordadas para me aquecer, no ar frio da noite. A minha mãe oferecera-mo na véspera de me vir embora, com os olhos marejados de lágrimas, que não chegaram, porém, a rolar. Só depois compreendi que o xaile era como um beijo de despedida, algo que eu poderia trazer comigo, já que ela tinha de ficar para trás em Zagreb com a minha irmã mais nova, a Zorka, e o meu irmãozinho, o Miloš.

O cocheiro interrompeu-me os pensamentos fazendo-me uma pergunta:

— Vieram visitar a cidade?

— Não — respondeu por mim o meu pai, com um sotaque quase impercetível. Ele sempre se orgulhara do seu alemão gramaticalmente impecável, a língua falada nos círculos do poder do Império Austro-Húngaro. Fora o primeiro passo pelo qual começara a sua ascensão social, costumava dizer quando nos acicatava a treinar o idioma. Empertigando um pouco o peito, acrescentou: — Viemos inscrever a minha filha na universidade.

O cocheiro arqueou as sobranceiras, surpreso, naquilo que foi a única reação visível.

— Universidade, hein? Suponho, então, que queiram ir para a Pensão Engelbrecht, ou outra das pensões da Plattenstrasse — comentou, segurando na porta para entrarmos.

O meu pai deteve-se, à espera de que eu me instalasse na carruagem, e perguntou ao cocheiro:

— Como é que sabia o nosso destino?

— É para onde costumam levar a maior parte dos estudantes da Europa de Leste que se instalam por aqui.

Ao ouvir o meu pai resmonear em resposta, enquanto se sentava ao meu lado, percebi que ele não sabia ao certo como interpretar o comentário do cocheiro. Haveria ali uma ponta de escárnio quanto à nossa proveniência do Leste? Tinham-nos dito que, apesar de manterem uma independência e neutralidade categórica perante o império implacável que os cercava, os suíços olhavam com sobranceira para os povos dos limites orientais do Império Austro-Húngaro. E, todavia, a Suíça não deixava de ser o país mais tolerante da Europa; tinham as regras de admissão universitária de mulheres mais permissivas, por exemplo. Era uma contradição desconcertante.

Com um sinal aos cavalos, o cocheiro estalejou o chicote no ar, e a carruagem ribombou rua abaixo a uma velocidade constante. Ao espreitar pela janela salpicada de lama, vi um elétrico passar a chiar.

— Viu aquilo, papá? — perguntei.

Já tinha lido acerca daqueles carros elétricos, mas nunca vira um à minha frente. Aquela visão deslumbrou-me; servia de prova tangível de que Zurique era uma cidade progressista, pelo menos no que tocava aos transportes. Restava-me esperar que os seus cidadãos tratassem as estudantes femininas com tanto respeito como diziam os rumores.

— Não o cheguei a ver, mas ouvi-o. E senti a trepidação — respondeu o meu pai, calmamente, com um ligeiro aperto nos meus dedos. Eu sabia que ele também estava empolgado, mas queria fazer-se de cosmopolita, especialmente após o comentário do cocheiro.

Virei-me outra vez para a janela. A cidade estava rodeada de altas montanhas verdejantes, e eu era capaz de jurar que se sentia o cheiro de coníferas. Decerto que as montanhas eram demasiado longínquas para chegar ali a fragrância das suas árvores abundantes, mas, qualquer que fosse a fonte, o ar de Zurique era incomparavelmente mais fresco do que o de Zagreb, com o seu fedor persistente a bosta de cavalo e às queimadas dos campos em redor. Talvez o aroma viesse da brisa que soprava do lago de Zurique, que delimitava a cidade a sul.

À distância, por entre os pináculos das igrejas, naquilo que parecia o sopé das montanhas, distingui uns edifícios amarelo-claros sobranceiros à cidade, de estilo neoclássico. Eram extraordinariamente parecidos com as gravuras do Politécnico que eu tinha visto nos formulários de candidatura, mas muito maiores e mais imponentes do que imaginara. O Politécnico era uma nova espécie de universidade destinada a formar professores e investigadores de várias disciplinas matemáticas e científicas, e era um dos poucos institutos universitários na Europa que atribuíam graus académicos a mulheres. Ainda que não tivesse sonhado com outra coisa nos últimos anos, era difícil imaginar que, dali a alguns meses, estaria efetivamente a frequentar aquele sítio.

O fiacre estacou de repente. A portinhola abriu-se, e o cocheiro anunciou que havíamos chegado ao destino, Plattenstrasse n.º 50. O meu pai depositou alguns francos na mão do homem, e ele desceu para nos abrir a porta.

Enquanto o cocheiro descarregava as bagagens, um dos criados da Pensão Engelbrecht apressou-se a sair pela porta da frente e a descer a escadaria para nos ajudar com as malas mais pequenas que trazíamos na mão. Vi surgir um casal bem-vestido entre as elegantes colunas que enquadravam a entrada do edifício de tijolo de quatro pisos.

— Sr. Marić? — indagou em voz alta o cavalheiro encorpado e idoso.

— Sim, muito prazer. Calculo que seja o Sr. Engelbrecht — respondeu o meu pai com uma pequena vénia e a mão esticada.

Enquanto os homens trocavam cumprimentos, a Sra. Engelbrecht desceu agilmente as escadas para me conduzir ao edifício.

Com as apresentações feitas, os Engelbrechts convidaram-nos, a mim e ao meu pai, a tomarmos um chá com bolinhos, que tinham preparado em nossa honra. Enquanto os seguíamos, do vestibulo para a sala de estar, reparei no olhar de aprovação que o meu pai lançou ao candelabro de cristal suspenso na primeira sala e aos apliques condicentes nas paredes. Quase o podia ouvir a pensar: *Escolhemos, de facto, um sítio bastante respeitável para a minha Mitza.*

A mim, a pensão parecia assética e exageradamente formal, comparada com a nossa casa; o cheiro das madeiras, do pó e dos pratos condimentados do meu lar fora completamente expurgado. Por muito que nós, sérvios, aspirássemos à ordem germânica adotada pelos suíços, pude constatar, então, que as nossas tentativas eram completamente risíveis perante a limpeza imaculada de uma pensão suíça.

Durante o chá com bolinhos, cheio de gentilezas, e sob o interrogatório insistente do meu pai, os Engelbrechts explicaram o funcionamento da sua casa de hóspedes: os horários rigorosos de refeições, visitas, lavandaria e limpeza de quartos. O meu pai, antigo militar, questionou-os sobre a segurança dos hóspedes, e os ombros dele foram-se soltando a cada resposta satisfatória, bem como a cada avaliação, de relance, do tecido debruado azul que forrava as paredes e das cadeiras minuciosamente entalhadas dispostas à volta da grande lareira de mármore. Porém, os ombros nunca se lhe descontraíram por completo: o meu pai queria quase tanto quanto eu que eu tivesse uma educação universitária, mas a realidade das despedidas parecia-lhe agora mais difícil do que eu alguma vez imaginara.

Enquanto bebericava o meu chá, ouvi gargalhadas. O riso de raparigas.

A Sra. Engelbrecht reparou na minha reação.

— Ah, são as nossas jovens, no seu jogo de *whist*. Posso apresentá-la às outras jovens hóspedes?

Outras hóspedes? Assenti, por muito que só me apetecesse abanar a cabeça, em recusa. As minhas experiências com raparigas da

minha idade tendiam a correr mal. Na melhor das hipóteses, não tinha quase nenhuma afinidade com elas. Na pior, sofrera com a maldade e o aviltamento dos meus colegas, homens e mulheres, especialmente quando se apercebiam do verdadeiro alcance das minhas ambições.

Ainda assim, as boas maneiras exigiam que nos levantássemos, e a Sra. Engelbrecht conduziu-me através da sala de estar até uma sala mais pequena, com uma decoração diferente: um candeeiro e apliques de bronze, em vez de cristal, painéis de carvalho nas paredes, no lugar do tecido azul acetinado, e uma mesa de jogos ao centro. Quando íamos a entrar, pensei ter ouvido a palavra *krpiti* e olhei de relance por cima do ombro para o meu pai, que parecia tão surpreso quanto eu. Era uma expressão sérvia que se usava quando estávamos desapontados ou a perder, e perguntei-me quem poderia ali ter usado aquela palavra. Com toda a certeza, tínhamos ouvido mal.

Havia três raparigas sentadas em torno da mesa, todas por volta da minha idade, com o cabelo escuro e sobranceiras espessas que não destoavam das minhas. Até estavam vestidas de forma semelhante, com camisas brancas com golas de renda muito engomadas e saias escuras e simples. Um traje discreto, ao contrário dos extravagantes vestidos cheios de folhos em amarelo-limão ou rosa-fútil da preferência de tantas mulheres, incluindo aquelas que eu vira nas ruas da moda, junto à estação de comboios.

As raparigas desviaram os olhos das cartas, pousaram-nas apressadamente e levantaram-se para as apresentações.

— Meninas Ružica Dražić, Milana Bota e Helene Kaufler, gostaria de vos apresentar a nossa nova hóspede. Esta é a menina Mileva Marić. — Enquanto fazíamos as vénias da praxe, a Sra. Engelbrecht prosseguiu: — A menina Marić está aqui para estudar matemática e física no Politécnico Federal da Suíça. Pode considerar-se em boa companhia, menina Marić. — A Sra. Engelbrecht gesticulou primeiro para uma rapariga com as maçãs do rosto salientes, um sorriso fácil e os olhos acobreados. — A menina Dražić veio

de Šabac para estudar ciência política na Universidade de Zurique. — Virou-se depois para a rapariga de cabelo mais escuro e sobrançelas mais grossas. — Esta é a menina Bota. Deixou a cidade de Kruševac para estudar psicologia no Politécnico, como a menina. — A Sra. Engelbrecht pousou, então, a mão no ombro da última rapariga, que tinha um halo de cabelo castanho macio e olhos bondosos azul-cinza, enquadrados por umas sobrançelas inclinadas. — E esta é a nossa menina Kaufler, que veio de Viena para se formar em história, também no Politécnico.

Eu não sabia o que dizer. Colegas universitárias das províncias orientais austro-húngaras, como eu? Nunca me passara pela cabeça que eu não fosse caso único. Em Zagreb, todas as outras raparigas com cerca de 20 anos estavam casadas ou a preparar-se para o casamento, encontrando-se com jovens adequados e aprendendo a gerir os destinos da sua futura casa com as mães. Os estudos delas haviam terminado anos antes, se é que chegavam a ter alguma educação formal. Eu sempre pensara que seria a única estudante feminina do Leste da Europa num mar de homens ocidentais. Talvez mesmo a única mulher.

A Sra. Engelbrecht olhou para cada uma das raparigas e disse:

— Vamos deixá-las continuar o seu *whist* enquanto acabamos a nossa conversa. Espero que amanhã possam mostrar as vistas de Zurique à menina Marić?

— Claro que sim, Sra. Engelbrecht — concordou a menina Kaufler pelas três, com um sorriso acolhedor. — E talvez a menina Marić nos possa acompanhar numa partida de *whist* amanhã à noite. Dava-nos jeito um quarto elemento.

O sorriso da menina Kaufler parecia genuíno, e eu senti-me atraída pelo aconchego da cena. Retribuí-lhe instintivamente o sorriso, mas depois parei. *Tem cuidado, adverti-me. Lembra-te da malevolência das outras raparigas que conheceste a vida inteira; a chacota, os insultos, os pontapés no recreio. Foi o programa de física e matemática do Politécnico que te trouxe aqui, para poderes seguir o sonho de te tornares uma das poucas professoras de física da Europa. Não fizeste esta viagem toda só*

para arranjar amigas, mesmo que elas sejam, de facto, tudo aquilo que aparentam ser.

Enquanto regressávamos à sala principal, o meu pai enlaçou-me o braço e sussurrou:

— Pareceram-me muitíssimo simpáticas, Mitza. E devem ser inteligentes, também, se estão aqui a estudar na universidade. Talvez seja altura de arranjares uma ou duas companhias femininas, já que, finalmente, encontrámos alguém que possa estar ao nível do teu intelecto. Uma daquelas raparigas podia ter o prazer de partilhar as anedotas que reservas geralmente para mim.

A voz dele soava estranhamente esperançosa, como se estivesse mesmo ansioso por que eu me desse com as raparigas que acabáramos de conhecer. O que estaria o meu pai a sugerir? Fiquei perplexa. Após tantos anos a professar que os amigos não interessavam, que um marido não era importante, que só a nossa família e a nossa instrução contavam, aquilo seria alguma espécie de teste? Eu queria mostrar-lhe que os desejos comuns de uma jovem — amigas, marido, filhos — não eram do meu interesse, como sempre. Pretendia passar naquele estranho teste com a mais elevada distinção, tal como passara em todos os outros.

— Papá, prometo que estou aqui para aprender, e não para fazer amigas — disse-lhe, com um aceno determinado. Esperava, assim, reassegurar-lhe que o futuro que ele me tinha pressagiado, ou desejado ardentemente, há tantos anos se tinha tornado o destino por que eu própria ansiava.

Porém, o meu pai não pareceu feliz com a minha resposta. Na verdade, assumiu uma expressão soturna; não percebi, ao início, se por estar triste ou zangado. Não teria sido suficientemente categórica? Ou estaria ele a mudar efetivamente de ideias, uma vez que aquelas raparigas eram tão diferentes de todas as outras que eu alguma vez conhecera?

Ele fez um silêncio incaraterístico durante um minuto. Até que, com um tom de desânimo na voz, acabou por dizer:

— Esperava que pudesses ter as duas coisas.

Nas semanas que se seguiram à partida do meu pai, evitei as outras raparigas, remetendo-me ao meu quarto e à leitura dos meus livros. Contudo, o horário rigoroso dos Engelbrechts obrigava-me a tomar as refeições com elas todos os dias, e a delicadeza exigia que, educadamente, entabulasse conversa ao pequeno-almoço e ao jantar. Elas pediam-me constantemente que me juntasse aos seus passeios, palestras, visitas a cafés, peças de teatro e concertos. Censuravam-me afaelmente por eu ser tão séria, tão calada e tão zelosa, e continuaram a convidar-me, por muito que eu recusasse. Eram de uma persistência que eu nunca vira em ninguém, a não ser em mim.

Nesse verão, numa bela tarde, eu estava a estudar no meu quarto para me preparar para as aulas, que começavam em outubro, como se havia tornado meu hábito. Tinha os ombros envoltos no meu xaile especial, para evitar o frio endémico que assolava os quartos da pensão, por muito calor que fizesse lá fora. Estava a desbravar um texto quando as ouvi lá em baixo, a tocar uma versão de uma das suítes de *L'Arlésienne*, de Bizet, um pouco desafinadas, mas com emoção. Eu conhecia bem a peça; costumava tocá-la com a minha família. A música fez-me sentir melancólica, solitária, em vez de apenas sozinha. Olhei de soslaio para a minha *tamburitzza* a ganhar pó num canto do quarto, agarrei no pequeno instrumento de cordas e resolvi descer as escadas. Detive-me à porta do salão principal, a observar as raparigas a debaterem-se com a música.

Encostada à parede, de *tamburitzza* na mão, senti-me subitamente ridícula. Porque é que haveria de esperar que me aceitassem, depois de ter recusado constantemente todos os seus convites? Quis voltar a subir as escadas a correr, mas a Helene reparou em mim e parou de tocar.

No seu tom caloroso habitual, perguntou:

— Não nos quer fazer companhia, menina Marić? — Olhou com uma exasperação teatral para a Ružica e a Milana. — Como vê, precisamos de toda a assistência musical que nos possa oferecer.

Eu aceitei. Em poucos dias, as raparigas catapultaram-me para uma vida que eu nunca havia experimentado antes. Uma vida com

amigas parecidas comigo. O meu pai estivera enganado, tal como eu. Era importante ter amigas. Amigas como aquelas, pelo menos, tão ferozmente inteligentes e determinadas, com ambições semelhantes, que tinham sofrido o mesmo género de ridicularização e condenação, e sobreviveram, com um sorriso.

Estas amigas não me tiravam a determinação de vencer, como eu receara; pelo contrário, tornavam-me mais forte.

Agora, meses mais tarde, afundei-me na cadeira enquanto a Ružica me servia um chá. O cheiro a limão evolou-se até mim, e, com um sorriso de satisfação, a Milana passou-me um prato com uma fatia do meu bolo preferido de erva-cidreira. As raparigas deviam tê-lo pedido expressamente para mim à Sra. Engelbrecht. Um gesto especial para um dia especial.

— Obrigada.

Bebericámos o chá e depenicámos o bolo em pequenas dentadas. As outras estavam invulgarmente caladas, se bem que eu pudesse ver, pelas expressões delas e pelos olhares que trocavam, que o faziam a custo. Estavam à espera de que eu falasse primeiro, e não propriamente para lhes agradecer pelo bolo.

A Ružica, porém, a mais afoita de todas, não foi capaz de continuar à espera. Era uma rapariga de ideias firmes e sem paciência, pelo que não tardou a perguntar-me de chofre:

— Então, como foi o infame professor Weber? — indagou, com as sobrancelhas franzidas, numa imitação cómica do catedrático, tão célebre pela sua inteligência brilhante como pelo temível estilo a dar aulas.

— Igual ao que seria de esperar — respondi, com um suspiro, antes de dar outra dentada no bolo; tinha um delicioso equilíbrio entre doce e salgado. Limpei uma migalha do canto dos lábios e expliquei: — Fez questão de consultar a lista de alunos antes de me deixar sentar. Como se não soubesse que eu estava inscrita. Ele admitiu-me pessoalmente no curso! — As raparigas soltaram um risinho cúmplice. — E depois fez um comentário pouco lisonjeiro sobre o facto de eu vir da Sérvia.

Elas pararam de rir. A Ružica e a Milana tinham sofrido humilhações semelhantes, pois vinham também daquela zona recôndita do Império Austro-Húngaro. Mesmo a Helene, que era natural da mais aceitável região da Áustria, tivera de enfrentar o preconceito de muitos professores do Politécnico por ser judia.

— Parece o meu primeiro dia na aula do professor Herzog — disse a Helene, e nós assentimos.

Conhecíamos a sua história humilhante, nos seus pormenores mais atrozes. Depois de fazer notar em voz alta que o apelido da Helene soava extraordinariamente judaico, o professor Herzog passou uma parte substancial da sua primeira aula de história da Itália a focar os guetos de Veneza, onde os judeus foram obrigados a viver entre os séculos XVI e XVIII. Não nos pareceu que se tratasse de uma coincidência.

— Como se já não bastasse sermos das poucas mulheres entre um mar de homens, os professores ainda têm de inventar outros defeitos e sublinhar as nossas diferenças — comentou a Ružica.

— Como eram os outros alunos? — perguntou a Milana, numa tentativa óbvia de mudar de assunto.

— O costume — respondi.

As raparigas gemeram, solidariamente.

— Muito cheios de si? — perguntou Milana.

— Sim.

— Com grandes bigodes? — alvitrou a Ružica, com uma risada.

— Sim.

— Excessivamente confiantes? — sugeriu a Helene.

— Sim, claro.

— Mostraram alguma hostilidade evidente? — indagou a Helene, num tom de voz mais sério e circunspeto. Ela era extremamente protetora, uma espécie de mãe galinha do grupo. Principalmente comigo. Desde que eu lhe contara o que acontecera no meu primeiro dia de aulas no Liceu Clássico Real de Zagreb, uma história que nunca partilhara com ninguém, a Helene preocupava-se excessivamente comigo. Contudo, mesmo que nenhuma das outras se tivesse

jamais deparado com uma violência tão extrema, todas elas haviam sentido a ameaça a insinuar-se à superfície várias vezes.

— Não. Ainda não, pelo menos.

— Isso é uma boa notícia — declarou a Ružica, a eterna otimista. Costumávamos acusá-la de ver o lado bom das coisas até mesmo na pior tempestade. Ela garantia que não se devia esperar senão que tivéssemos um futuro radioso, e recomendava-nos vivamente que fizessemos o mesmo.

— Sentiste que algum podia ser teu aliado? — A Milana tentou abordar uma questão mais prática. O currículo de física implicava vários trabalhos de investigação conjuntos, e já tínhamos discutido estratégias para o efeito. O que aconteceria se todos os meus colegas se recusassem a trabalhar comigo?

— Não — retorqui automaticamente. Porém, depois hesitei, tentando seguir o conselho da Ružica para ser mais otimista. — Bem, talvez. Houve um deles que me sorriu, talvez um sorriso um pouco prolongado demais, mas pareceu-me genuíno. Não estava a fazer troça. Einstein, penso que se chamava assim.

A Helene arqueou as sobrancelhas, inquieta. Estava sempre em alerta máximo para quaisquer avanços românticos indesejados. Acreditava que eram um motivo de preocupação tão grande como qualquer ato de violência. Pegou-me na mão e avisou:

— Tem cuidado.

Eu apertei-lhe também a sua.

— Não te preocupes, Helene. Sou sempre extremamente cautelosa. — Como não me pareceu tê-la conseguido tranquilizar, brinquei: — Vá lá. Vocês passam a vida a acusar-me de ser *demasiado* cautelosa, *demasiado* reservada; de só vos mostrar a vocês a minha verdadeira personalidade. Achas mesmo que eu não teria cuidado com este Sr. Einstein?

A Helene desanuviou a expressão de inquietação, substituindo-a por um sorriso.

Eu sentia-me constantemente maravilhada com as minhas amigas. Admirada por ser capaz de arranjar palavras para lhes contar

as minhas histórias há muito enterradas. Espantada por permitir que elas vissem quem eu era na realidade. E perplexa por, mesmo assim, elas me aceitarem.

CAPÍTULO 3

22 de abril de 1897

Zurique, Suíça

A concheguei-me no meu recanto individual de leitura, na biblioteca do Politécnico. A sala arejada e forrada a madeira estava praticamente lotada, o que não impedia que reinasse o silêncio. Os estudantes estavam serenamente a prestar vassalagem a esta ou àquela disciplina, alguns a estudarem biologia ou química, outros, matemática, e outros, ainda, física, tal como eu. Ali, resguardada do mundo pelo cubículo de leitura, barricada com os meus livros, fortalecida pelos meus próprios devaneios e teorias, quase podia fingir que era igual a qualquer outro estudante na biblioteca do Politécnico.

Tinha espalhados à minha frente os apontamentos das aulas, vários textos de consulta obrigatória e um artigo da minha própria coleção de recortes. Clamavam todos pela minha atenção, mas, como se tivesse de optar por um preferido entre os meus animaizinhos de estimação, estava a ter dificuldade em escolher aquele a que iria dedicar de seguida o meu tempo. Newton ou Descartes? Ou talvez um dos novos teóricos? O ar do Politécnico, e quem sabe de toda a cidade de Zurique, parecia carregado das conversas sobre os últimos avanços na área da física, e eu sentia que era como se estivessem a falar diretamente comigo. Era ali que eu me sentia bem, no mundo da física. Havia respostas às grandes questões sobre a nossa existência entranhadas nas suas regras secretas do funcionamento do mundo — forças escondidas e relações de causalidade invisíveis

tão complexas que eu acreditava que só podiam ter sido criadas por Deus. Se ao menos as conseguisse desvendar...

Ocasionalmente, se me deixasse perder nas minhas leituras e nos meus cálculos — ao invés de estudar e trabalhar no que me mandavam —, era capaz de descortinar os padrões divinos que tão afincadamente buscava, embora somente na periferia da minha visão.

Se virasse o olhar diretamente para esses padrões, eles dissolviam-se no vazio. Se calhar não estava ainda pronta para ver a obra-prima de Deus, olhos nos olhos. Talvez a seu tempo Ele viesse a permiti-lo.

Estava grata ao meu pai por me ter trazido a esta constelação cintilante de conhecimento e curiosidade. O meu único lamento era que ele ainda se preocupasse comigo aqui em Zurique, tanto no que dizia respeito às minhas perspectivas de futuro como à minha segurança quotidiana. Por muito que eu me esforçasse, nas minhas cartas, para o convencer da imensidão de lugares no ensino que estariam à minha espera quando concluísse o curso, mesmo que não conseguisse singrar no campo da investigação, e da inviolabilidade da minha vida perfeitamente estruturada na universidade e na pensão, apercebia-me das inquietações dele nos seus intermináveis interrogatórios.

Não deixava de ser interessante que a minha mãe parecesse muito mais satisfeita com o meu percurso atual. Após uma vida inteira a lamuriar-se com a minha necessidade pouco ortodoxa de uma educação superior, ela parecera render-se à minha escolha quando me instalei em Zurique, principalmente a partir do momento em que passei a encher as minhas cartas com histórias sobre os meus passeios com a Ružica, a Milana e a Helene. Pelas respostas dela, percebi que estava encantada com estas novas amizades. As minhas primeiras amizades.

Nem sempre a aprovação da minha mãe fora tão fácil. Antes desta recente aproximação à distância, a nossa relação era permanentemente ensombrada pelas inquietações dela comigo, a filha única aleijada e tão pouco convencional. E, sobretudo, pelo impacto que a minha sede de conhecimento tinha sobre a vida dela.

Numa tarde fresca de setembro, na minha remota cidadezinha natal de Titel, há quase sete anos, ela ainda se deu menos ao trabalho de disfarçar a sua objeção ao caminho decididamente antifeminino que eu escolhera, apesar de o meu pai me incentivar, e ela raramente o contestar. Estávamos na nossa peregrinação habitual ao cemitério onde estavam enterrados o meu irmão e a minha irmã mais velhos, ambos falecidos de doença, em criança, alguns anos antes de eu ter nascido. Soprava um vento forte, que ameaçava arrancar-me o lenço da cabeça. Eu agarrei no tecido preto e apertei-o com força, antecipando o ar reprovador da minha mãe, caso o deixasse voar e expusesse a cabeça enquanto pisava solo sagrado. O lenço tapava-me as orelhas, abafando os gemidos baixinhos do vento. Eu estava grata por não o ouvir, apesar de saber que aqueles queixumes lúgubres eram adequados ao sítio.

Cheirou-me a *tamjan*, um incenso doce e pungente, ao passarmos defronte da igreja, e as folhas secas crepitaram sob os nossos pés, enquanto eu me esforçava por acompanhar a passada da minha mãe. A colina era pedregosa e demasiado íngreme para mim, coisa que ela sabia perfeitamente, mas nem por isso abrandava. Era quase como se a dificuldade da caminhada até ao cemitério fizesse parte da minha penitência. Por estar ali, ao contrário dos meus irmãos. Por ter sobrevivido às doenças que os reclamaram. E por ter inspirado o meu pai a aceitar a sua nova posição governamental em Zagreb, uma cidade maior com um ensino melhor para mim, mas uma mudança que levaria a minha mãe para longe dos túmulos dos seus primeiros filhos.

— Não vens, Mitza? — chamou ela, sem se virar para trás. Eu sabia que aquela aspereza não se enraizava apenas no desagrado da mudança para Zagreb. Para ela, as crianças virtuosas deviam ser submetidas a uma disciplina rigorosa e à mais elevada exigência. Repetia, frequentemente: «Os provérbios dizem que “a vara e a correção dão sabedoria, mas o jovem abandonado à sua vontade é a vergonha da sua mãe”.»

— Sim, mamã — respondi.

Vestida no seu luto habitual e com um lenço preto, em honra dos meus falecidos irmão e irmã, a minha mãe seguia à frente, como um vulto de ébano recortado contra o outonal céu cinzento. Eu estava sem fôlego quando cheguei ao cimo, mas disfarcei a respiração ofegante. Era esse o meu dever.

Virei-me para trás, arriscando um ralhete; adorava a vista daquele cômodo. Titel espraiava-se lá em baixo, para lá da torre da igreja, numa língua que parecia seguir a margem do rio Tisa. A poeirenta cidade era pequena, com pouco mais do que a praça central, o mercado e alguns edifícios do governo no centro, mas, ainda assim, era bonita.

Ouvi a minha mãe a ajoelhar-se, e senti o aguilhão da culpa. Não estávamos ali em passeio; eu não devia estar a deleitar-me. Aquela seria uma das nossas últimas visitas ao cemitério, durante muito, muito tempo. Naquele dia, nem sequer o meu pai me conseguiria animar com a nossa mudança.

Ocupei o meu lugar ao lado da minha mãe, defronte dos túmulos. As pedrinhas de cascalho espetaram-se-me nos joelhos, mas eu queria sentir a dor. Parecia um sacrifício razoável pela dor que havia infligido à minha mãe, ao suscitar a nossa mudança para Zagreb. Uma vez que eu atingira o limite da instrução que poderia receber ali, o meu pai queria que eu frequentasse o Liceu Clássico Real de Zagreb. Não se previa que regressássemos a Titel com frequência alguma. Olhei de relance para ela. Tinha os olhos castanhos fechados, sem a vivacidade resoluta que os caracterizava; parecia mais velha do que os seus 30 e tal anos. O fardo da perda e o peso das minudências do quotidiano estavam a envelhecê-la prematuramente.

Fiz o sinal da cruz, fechei os olhos e rezei em silêncio pela alma dos meus irmãos falecidos há muito. Haviam-me servido sempre de companheiros invisíveis, em alternativa aos amigos que nunca tive. Como teria sido diferente a minha vida se eles tivessem sobrevivido. Talvez com um irmão e uma irmã mais velhos ao meu lado eu não fosse tão solitária, ansiando secretamente por brincar com as minhas colegas no recreio, mesmo aquelas que me tratavam mal.

Senti um raio de sol que passou entre as nuvens e abri os olhos. As lápides de mármore dos meus irmãos pareciam fitar-me. Os nomes deles — Milica Marić e Vukašin Marić — reluziam ao sol, como se tivessem acabado de ser cinzeladas, e eu tive de reprimir o impulso de passar o dedo sobre cada uma das letras.

A minha mãe gostava que as nossas visitas decorressem sempre em silêncio e contemplação, mas não nesse dia. Pegou-me na mão e fez uma oração à Virgem Maria, em sérvio, a nossa língua materna, que raramente usávamos:

Bogorodice Djevo, radujjsja

Blagodatnaja Marije...

A minha mãe falou tão alto que abafou o ruído do vento e o restolhar das folhas. Baloçava-se de trás para a frente. Senti-me envergonhada com o volume da voz dela e com aqueles movimentos dramáticos, principalmente quando outros dois visitantes do cemitério olharam para nós, ao longe.

Ainda assim, acompanhei-a na sua oração. As palavras da ave-maria tinham geralmente o efeito de me acalmar, mas, naquele dia, pareciam-me estranhas. Quase me ficavam enroladas na língua, como numa mentira. E a entoação da minha mãe também era diferente, não no seu tom de adoração reverencial, mas de condenação. Para comigo, decerto, não para com a Virgem.

Tentei concentrar-me no vento, no crepitar dos ramos e das folhas, no som do galope dos cascos dos cavalos que passavam na estrada, em tudo o que não fossem as palavras que saíam dos lábios da minha mãe. Não precisava de uma nova admoestação de que havia tanta coisa a depender do meu sucesso na escola em Zagreb. Tinha de conseguir. Não apenas por mim, pela minha mãe e pelo meu pai, mas também pelos meus falecidos irmão e irmã. Almas que ficariam deixadas para trás.

Ouvia os aparos das canetas dos estudantes em redor a arranharem o papel, mas só havia um homem a cativar-me a atenção. Philipp Lenard. Peguei num artigo do renomado físico alemão e comecei a ler. Devia estar a analisar os textos de Hermann von Helmholtz e Ludwig Boltzmann que o professor nos dera, mas sentia-me atraída pelas últimas pesquisas de Lenard sobre os raios catódicos e as suas propriedades. Usando tubos de vidro em vácuo, ele bombardeara os elétrodos metálicos dos tubos com uma corrente elétrica de alta tensão, examinando depois os raios. Lenard observara que, se a extremidade do tubo oposta à carga negativa estivesse pintada com um material fluorescente, um objeto minúsculo dentro do tubo começava a brilhar e a ziguezaguear no seu interior. Isto levou-o a concluir que os raios catódicos eram feixes de partículas de energia com carga negativa; chamou-lhes *quanta* de eletricidade. Pousei o artigo, perguntando-me qual seria o impacto das investigações de Lenard na questão há muito debatida sobre a natureza e existência dos átomos. De que substância teria feito Deus o mundo? A resposta a esta pergunta poderia revelar-nos alguma coisa sobre qual o verdadeiro propósito do Homem na Terra? Às vezes, tanto nas páginas daqueles textos como nas minhas próprias meditações, julgava-me capaz de vislumbrar as leis divinas de Deus a revelarem-se nas leis universais da física que estava a aprender. Era ali que eu sentia a presença de Deus, e não nos bancos das igrejas da minha mãe nem nos cemitérios.

O relógio da torre da universidade bateu as cinco. Como poderia ser tão tarde? Eu ainda nem sequer tinha tocado nas leituras obrigatórias do dia.

Estiquei o pescoço para espreitar por uma janela. Não faltavam torres de relógio em Zurique, e os ponteiros que vi confirmavam as horas. A Sra. Engelbrecht tinha um rigor teutónico nos horários de jantar da pensão, pelo que eu não me podia demorar. Principalmente porque as raparigas estariam à minha espera, de instrumentos na mão, para um pouco de música antes do jantar. Era um dos nossos pequenos rituais, e o meu preferido.

Organizei os meus papéis e comecei a arrumá-los na maleta. O artigo de Lenard estava no cimo do monte, e houve uma frase que me chamou a atenção. Comecei a lê-lo, novamente, e fiquei tão absorta que senti um sobressalto ao ouvir o meu nome.

— Menina Marić, posso intrometer-me nos seus pensamentos?

Era o Sr. Einstein. Tinha o cabelo ainda mais desgrenhado do que o costume, como se tivesse estado a enfiar os dedos no meio dos caracóis escuros para os espetar de propósito. A camisa e o casaco não estavam em muito melhor estado, completamente amarrotados. A aparência em desalinho contrastava ainda mais com o aspeto absolutamente impecável dos outros alunos ali na biblioteca. Porém, ao contrário deles, Einstein sorria.

— Com certeza, Sr. Einstein.

— Estava com esperança de que me pudesse ajudar com um problema. — Estendeu-me uma pilha de papéis.

— Eu? — perguntei, irrefletidamente, e logo me arrependi da minha clara estupefação. *Tens de ser confiante*, lembrei-me. *És tão inteligente como qualquer outro dos alunos da Secção Seis. Porque é que um colega de turma não havia de te pedir ajuda?*

Contudo, era tarde demais. Já lhe tinha mostrado a minha insegurança.

— Sim, menina Marić. Acho-a, sem dúvida, a pessoa mais inteligente da nossa turma. É de longe a melhor a matemática. E aqueles *Dummkopfs* ali — apontou para dois dos nossos colegas, o Sr. Ehrat e o Sr. Kollros, que estavam entre duas estantes, a sussurrar e a gesticular à toa um com o outro — tentaram ajudar-me e falharam redondamente.

— Com certeza — respondi. Senti-me lisonjeada com a confiança dele, mas continuava de pé atrás. Se a Helene ali estivesse, aconselhar-me-ia a ser prudente, sem, porém, deixar de me incentivar a forjar uma aliança imprescindível. No próximo semestre, eu ia precisar de um parceiro de laboratório, e era possível que ele fosse a minha única opção. Nos seis meses que eu levava no programa de física, sentada dia após dia nas aulas com os mesmos cinco colegas,

os outros tinham-me tratado com um mínimo de cortesia, mas com uma indiferença quase total. O Sr. Einstein, pelo contrário, ao cumprimentar-me gentilmente todos os dias, perguntando-me ocasionalmente o que eu achava das palestras do professor Weber, tinha demonstrado ser a minha única esperança. — Deixe-me ver. — Olhei para os apontamentos dele.

Ele entregara-me uma trapalhada quase incompreensível. Seria com esta espécie de desorganização que os meus colegas trabalhavam? A ser assim, não tinha de me preocupar com os meus próprios esforços. Olhei na diagonal para os cálculos desleixados e não demorei a descobrir o erro. Tinha sido mera preguiça, na verdade, da parte dele.

— Aqui, Sr. Einstein. Se trocar estes dois números, penso que há de chegar à devida solução.

— Ah, estou a ver. Muito obrigado pelo seu auxílio, menina Marić.

— O prazer foi todo meu. — Fiz-lhe um aceno de cabeça e retomei a arrumação dos meus pertences.

Senti-o a espreitar por cima do meu ombro.

— Está a ler Lenard? — perguntou ele, com a surpresa patente na voz.

— Sim — retorqui, continuando a arrumar a mala.

— Não faz parte do nosso currículo.

— Não, não faz.

— Estou bastante surpreendido, menina Marić.

— Então, porquê, Sr. Einstein? — Virei-me para o encarar, olhos nos olhos, desafiando-o a contestar-me. Acharia que eu não seria capaz de compreender Lenard, um texto muito mais complicado do que o nosso banal currículo de física? Uma vez que ele era um pouco mais alto do que eu, vi-me obrigada a olhar para cima. A minha baixa estatura era uma desvantagem que eu abominava tanto quanto a minha perna coxa.

— Parece-me uma aluna brilhante, menina Marić. Sempre pontual, a seguir todas as regras, escrupulosa nos seus apontamentos,

a trabalhar horas seguidas na biblioteca, em vez de as gastar nos cafés. E, no entanto, é uma boémia, como eu. Nunca teria imaginado.

— Uma boémia? Não sei se o compreendo. — As minhas palavras e o meu tom de voz eram incisivos. Ao chamar-me «boémia», uma palavra que eu associava à região austro-húngara da Boémia, ele pretenderia insultar a minha ascendência? Einstein sabia que eu vinha da Sérvia, pelas indiretas que o professor Weber me lançava nas aulas, e era sobejamente conhecido o preconceito que os germânicos e os europeus ocidentais em geral, como ele próprio, tinham por nós. Eu já me havia perguntado qual seria a ascendência de Einstein, apesar de saber que ele viera de Berlim. Com o cabelo escuro e os olhos castanhos, além daquele apelido, não parecia do tradicional género louro alemão. Talvez a família se tivesse instalado em Berlim vinda de outro sítio?

Ele devia ter percebido a minha fúria latente, porque se apressou a esclarecer.

— Usei a palavra «boémia» no sentido francês do termo *bohémien*. Significa «de pensamento livre; progressista». Nada que se compare ao burguesismo de alguns dos nossos colegas.

Eu não sabia como interpretar aquelas palavras. Ele não parecia querer fazer troça de mim; na verdade, achei que estava a tentar elogiar-me com aquele estranho rótulo de «boémia». Sentia-me cada vez mais constrangida.

Enquanto me ocupava do último maço de papéis na secretária do gabinete de leitura, atalhei:

— Tenho de me ir embora, Sr. Einstein. A Sra. Engelbrecht tem um horário rigoroso na sua pensão, e não me posso atrasar para o jantar. Tenha uma boa noite. — Fechei a mala e fiz uma vénia de despedida.

— Boa noite, menina Marić — respondeu ele, com uma reverência —, e queira aceitar a minha gratidão pela sua ajuda.

Transpus a porta arqueada de carvalho da biblioteca e atravessei o pequeno pátio empedrado que dava para a Râmistrasse, a movimentada rua fronteira ao Politécnico. Esta avenida estava repleta de

pensões, onde os inúmeros estudantes de Zurique pernoitavam, e de cafés, onde os mesmos estudantes debatiam as grandes questões que os ocupavam durante o dia quando não estavam nas aulas. Dos meus olhares furtivos para o interior, parecia-me que essas discussões exacerbadas tinham como principal combustível o café e o tabaco, mas, claro, isto não passava de uma suposição. Eu nunca me atrevera a juntar-me a nenhuma daquelas mesas, apesar de uma vez ter avistado o Sr. Einstein com alguns amigos numa esplanada do Café Metropole, e de ele me ter acenado. Fingi que não o vira; era raro haver uma mulher naqueles ajuntamentos masculinos nos cafés, e essa era uma linha que eu não ousava transpor.

A noite ia caindo na Rämistrasse, mas a rua estava iluminada pelos candeeiros elétricos. Havia uma ligeira neblina a formar-se no ar, e eu coloquei o capuz para impedir a humidade de se me penetrar no cabelo e nas roupas. Começou a chover — inesperadamente, já que o dia se mostrara ensolarado e sem nuvens —, e foi-me cada vez mais difícil abrir caminho entre a multidão da Rämistrasse. Eu era, de longe, a pessoa mais baixa ali. Estava encharcada, e as pedras da calçada tornaram-se escorregadias. Atrever-me-ia a quebrar a minha própria regra, abrigando-me num dos cafés até que a chuva amainasse?

Sem aviso, a chuva parou de cair em cima de mim. Olhei para cima, à espera de encontrar uma aberta nas nuvens, mas só vi uma sombra negra e a água a escorrer ao meu lado.

Era o Sr. Einstein, que segurava um guarda-chuva sobre a minha cabeça.

— Está toda molhada, menina Marić — disse ele, com os olhos bem-humorados de sempre.

O que estaria ele a fazer ali? Não parecera prestes a sair da biblioteca ainda há pouco. Ter-me-ia seguido?

— Um dilúvio repentino, Sr. Einstein. Agradeço-lhe muito o guarda-chuva, mas não era preciso. — Era imperioso que eu insistisse na minha independência; não queria que nenhum dos meus colegas me visse como uma mulher indefesa, muito menos o Sr. Einstein.

Ele não me havia de querer como colega de laboratório se me julgasse fraca, pois não?

— Depois de me ter salvo da ira mais do que certa do professor Weber com a sua correção dos meus cálculos, o mínimo que posso fazer é acompanhá-la a casa com esta chuva. — Ele sorriu. — Já que parece ter-se esquecido do seu guarda-chuva.

Eu queria protestar, mas, na verdade, convinha-me o auxílio. As pedras polidas molhadas constituíam um perigo, com a minha deficiência. O Sr. Einstein pegou-me pelo braço e ergueu o guarda-chuva bem alto sobre a minha cabeça. O gesto dele era perfeitamente cavalheiresco, se bem que um pouco atrevido. Ao sentir a pressão da sua mão no meu braço, apercebi-me de que, tirando o meu pai e alguns dos meus tios, nunca tinha estado tão próxima de um homem adulto. Apesar daquela multidão de gente a atravancar a avenida, e de estarmos todos envoltos em várias camadas de casacos e cachecóis, senti-me estranhamente exposta.

Enquanto caminhávamos, o Sr. Einstein lançou-se num monólogo entusiasmado sobre a teoria das ondas eletromagnéticas de luz de Maxwell, deixando escapar algumas reflexões invulgares sobre a relação da luz e da radiação com a matéria. Eu introduzi alguns comentários a que o Sr. Einstein respondeu encorajadoramente, mas fiquei sobretudo calada, a ouvir-lhe a torrente irreprimível de palavras, enquanto ia avaliando o seu intelecto e personalidade.

Quando chegámos à Pensão Engelbrecht, ele acompanhou-me pela escadaria até à entrada coberta. Senti-me finalmente aliviada.

— Muito obrigada, mais uma vez, Sr. Einstein. A sua delicadeza não era necessária, mas foi muito bem-vinda.

— O prazer foi todo meu, menina Marić. Vemo-nos na aula amanhã — disse ele, virando-se para se ir embora.

Uma peça atamancada de Vivaldi elevou-se pela janela aberta da sala até à rua. O Sr. Einstein deteve-se nos degraus e espreitou pela janela da sala, onde as raparigas se tinham reunido para um concerto despreocupado.

— Meu Deus, que grupo tão animado! — exclamou. — Quem me dera ter trazido o meu violino. Vivaldi fica sempre melhor quando acompanhado de cordas. Por acaso toca, menina Marić?

Trazer o seu violino? A presunção do homem! Aquelas eram as minhas amigas e o meu santuário, e nunca me passaria pela cabeça convidá-lo a juntar-se a nós.

— Sim, toco *tamburitza* e piano, além de cantar. De qualquer forma, os Engelbrechts são extremamente rigorosos no que toca a visitas masculinas.

— Eu viria como colega de turma e músico, não como visita — sugeriu ele. — Talvez assim os tranquilizasse?

Corei. Que idiota da minha parte insinuar que ele podia querer ser minha visita.

— Talvez, Sr. Einstein. Teria de indagar. — Esperava que ele interpretasse a minha falta de entusiasmo como a rejeição subtil que era.

Ele abanou a cabeça, admirado.

— Hoje surpreendeu-me, menina Marić. É muito mais do que uma matemática e física brilhante. Parece que é também música e boémia, afinal. — O sorriso dele era contagiante. Não fui capaz de não o retribuir. Ele olhou para mim, maravilhado. — Acho que é a primeira vez que lhe vejo um sorriso. É muito encantador. Gostava de roubar mais alguns sorrisos a essa boquinha sempre tão séria.

Desorientada com o galanteio, e sem saber como responder, virei-lhe costas e entrei na pensão.

Um romance fascinante sobre a mulher extraordinária que casou e trabalhou com um dos maiores cientistas da História.


Em 1896, Mileva Marić, uma mulher extremamente inteligente, é a única estudante do sexo feminino a frequentar o curso de Física numa universidade de elite em Zurique. É aí que se apaixona pelo colega Albert Einstein, com quem acaba por casar e ter três filhos. Apesar da total dedicação aos filhos, Mileva nunca abandona a sua paixão pela ciência, trabalhando em conjunto com o marido e contribuindo para estudos científicos tão importantes como a Teoria da Relatividade.

Contudo, por nunca ter concluído a licenciatura, todo o mérito dos artigos que escreve com o marido é-lhe atribuído a ele. À medida que a fama de Albert Einstein aumenta, cresce também o receio de Mileva de que as suas próprias ideias científicas permaneçam para sempre sob a sombra do marido, com quem mantém uma relação cada vez mais conturbada.

A Mulher de Einstein é um romance, inspirado em factos reais, que relata a história da primeira mulher de Einstein, uma cientista brilhante cuja contribuição para a Teoria da Relatividade continua a ser altamente debatida.

«Um intrigante romance sobre uma das mais fortes
parcerias intelectuais do século XIX.»

Kirkus Reviews

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-08-9  9 789898 917089 Romance Histórico
--	---